




REVITALIZAR CAMÕES

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-028>

Data de submissão: 08/04/2025

Data de publicação: 08/05/2025

Lucia Maria Moutinho Ribeiro

Doutora em Letras Vernáculas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
LIPEAD/CEDERJ/UNIRIO – Licenciatura em Pedagogia EAD

RESUMO

O quingentésimo aniversário de Luís de Camões (1524-1580) enseja uma abordagem da produção desse expoente da Língua Portuguesa. Com o apoio da **Introdução à lírica de Camões** (Azevedo F.º, 1990), dos **Estudos camonianos** (Berardinelli, 2000) e de **O teatro de Camões: uma convergência** (Menegaz, 1998), propõe um comentário da história das edições da lírica, da épica e do teatro camoniano. Fornece um panorama biográfico (Ribeiro, 2009) e uma breve descrição de **Os Lusíadas** (1572). Sob uma perspectiva intertextual, recorre à lírica e ao texto “A outra asa do gryffo – Affonso de Albuquerque”, da **Mensagem** (1935) de Fernando Pessoa, com o objetivo de revitalizar a leitura da produção camoniana e estimular novos leitores e novas escritas a partir de tais obras. Impõe-se o desafio de sugerir ao estudante de Letras enfrentar a inversão sintática dos termos da oração ou hipérbato característico da frase camoniana classicista. Tal se afigura como método eficaz de amadurecimento da compreensão leitora.

Palavras-chave: Camões. As edições. A épica. Contemporâneos.

1 INTRODUÇÃO

O quingentésimo aniversário de Luís de Camões (1524-1580) inspira uma releitura da obra camoniana. Para tal, propõe-se uma abordagem sucinta dos vários aspectos da produção camoniana, por meio de um breve histórico das dificultosas edições da lírica (Azevedo F.º), que a épica (Berardinelli, 2000) e o teatro (Menegaz, 1998), sob a vigilância da censura inquisitorial, não deixaram de enfrentar.

O trabalho fornece uma visão da vida do poeta (RIBEIRO, 2009), a fim de contextualizar sua trajetória como humanista, polígrafo, soldado e viajante, por Índia, China e África. Compila uma descrição de **Os Lusíadas**, com base nos **Estudos de literatura portuguesa**, da autora mencionada (2000, p. 15-30), para comprovar a importância literária e histórica do texto, fundamentado na própria experiência do autor, não só como erudito, mas também como navegante.

Uma perspectiva intertextual garante a revitalização da leitura do épico, graças ao drama de José Saramago, **Que farei com este livro?**, lançado em 1980, a alguns textos da lírica camoniana e ao poema “A outra asa do gryffo - Affonso de Albuquerque”, da **Mensagem** (1934), de Fernando Pessoa, com o intuito de despertar no estudante de Letras o prazer de ler Camões e de desenvolver novas escritas e novas perspectivas sobre a obra.

2 AS EDIÇÕES

Não se pode desconhecer a problemática que envolve a lírica de Camões, devido ao fato de ter o poeta publicado em vida, sob sua vista, apenas três composições, e de os demais textos líricos terem permanecido dispersos em apócrifos, isto é, em cópias dos autógrafos, e em miscelâneas (op. cit, 1990). Tanto nas redondilhas, compostas no metro tradicional, quanto nos poemas clássicos, em decassílabo, os temas são o amor, a fugacidade do tempo, a instabilidade da fortuna, dos quais não escapa a épica, mesmo ao relatar e exaltar feitos heroicos.

Publicados em 1572, por iniciativa do autor, **Os Lusíadas** não oferecem dúvida quanto à sua autoria, apesar das dificuldades que terá enfrentado para editá-los, liberados, enfim, da censura inquisitorial, graças à intervenção do Frei Bartolomeu Ferreira (op. cit., 2000).

Fiel à tradição medieval, compôs os autos, **Enfatriões**, **Filodemo** e **El-Rei Seleuco**, em versos de redondilha maior, como Gil Vicente, agrupados em décimas e ato único, em que tipos populares gravitam em torno dos pares amorosos. Os textos dramáticos foram reconhecidos como autênticos desde que editados postumamente: os dois primeiros, em 1587, e o terceiro, em 1644-45 (Menegaz, 1998).

3 CAMÕES À PROCURA DE UM EDITOR

No texto dramático de José Saramago, **Que farei com este livro?**, encontramos Camões como personagem buscando um impressor, ao concluir a escrita do poema. A peça, ao ficcionalizar essa passagem da biografia do poeta, transmite a atmosfera amena e galante das redondilhas, incluindo-se entre as personagens, Dona Francisca de Aragão que lhe enviara o mote “Mas, porém, a que cuidados?”

Ao gosto da poesia palaciana, a sugestão da senhora merece três voltas ou glosas, cujo sentido se tece de acordo com a mudança da pontuação. Na primeira glosa, que responde ao mote enviado com ponto de interrogação no final do verso, o poeta confirma que sofre muito dos cuidados, as preocupações que o amor lhe traz. A frase que encerra a segunda glosa, “eu, que sempre sofri mais, / não digo que não venhais / mas porém a quê, cuidados?”, em que o termo “cuidados”, funcionando como vocativo, demonstra que os cuidados de amor, mesmo que não sejam bem-vindos, podem vir. As versões vão se amenizando, até que, na terceira glosa, se regozija o poeta com os arrufos de namorado, por meio do engenhoso emprego dos pontos de exclamação: “bem sei que, em baixos estados, / são cuidados perigosos / Mas porém, Ah! Que cuidados!” A cena denota que a dama terminara o namoro, mas ao dar a deixa, parece querer reatá-lo. Devolve-lhe o poeta a composição com uma carta não menos galante, em que expressa modéstia: os versos serão bons, porque inspirados pela dama, se não, as glosas são dele (Camões, 1963, p. 469).

4 UM FLASH DA VIDA

Nascido em 1524, teria obtido sua formação cultural na Universidade de Coimbra, onde o tio Bento de Camões era chanceler. Em Lisboa, aproveitaria a juventude em boêmia e turmas de rapazes e teria participado de “vinganças encomendadas e rixas de matadores” (Torres, 2024, p. 5). Para a mais recente biógrafa de Camões, Isabel Rio Novo, “no século XVI, o crime fazia parte, do cotidiano de todas as camadas sociais (apud Rio Novo. In: Torres, 2024, p. 5). Lembre-se do artista Caravaggio do Barroco italiano, que, na mesma época, na rua, matou um.

Em batalha naval em Ceuta, o bardo perde um olho, o que não o impede de glosar os motes que lhe são enviados pelas jovens do paço, como na esparsa, “A ua dama que lhe chamou “cara-sem-olhos”.

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguiu,
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção;
Pois quereis que olhos não sejam:
Vendo-vos, olhos sobejam;
Não vos vendo, olhos não são. (1963, p. 491)

A esta devolve a desfeita com um misto de galanteio, ironia e hipálage (“olhos”). É caolho, sim, mas enxerga tão bem que os olhos dela “lhe custam caro”, porque maldosos (“vi o mal claro”), e

só a notará se a vir. Ausente, sequer se lembrará dela: seus olhos, mesmo grandes, esbugalhados – “sobejos” – , “não são”, não existem.

Dizem que foi banido do convívio palaciano devido a amores pela infanta Dona Maria. Culta, mantinha uma “Universidade Feminina”, no seu palácio, onde se reuniam as eruditas Luísa Sigea, a irmã desta, Públia Hortênsia de Castro, a filha de Gil, Paula Vicente, e, quem sabe, o poeta. A princesa permaneceu solteira, impedida de se casar pelo rei D. João III, seu irmão, apesar dos inúmeros pretendentes da nobreza europeia, para não dispersar o dote que era vultoso, desfalcando o erário.

Permanece como defensor militar e funcionário do empório comercial português estabelecido na Índia. De volta a Lisboa, sedia na Ilha de Moçambique, na costa oriental africana, por dois anos, onde, dizem, finalizou a escrita da **Os Lusíadas** e a obra lírica, reunida sob o título **Parnaso Lusitano**, que teriam roubado e nunca foi encontrado. Morre em Lisboa, em 1580, vítima da peste.

5 NOTÍCIA SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO

O fundamento histórico das navegações portuguesas, motivo da expansão do império e da execução do canto, foi a dilatação da fé católica, por meio da conversão dos infieis, advinda do espírito cruzadista da época, aliado ao interesse comercial, fonte de renda para a aristocracia mercantil, que, no remoto Oriente, ia buscar as preciosas especiarias: pimenta, canela, açafrão, caril (ou *curry*), gengibre, para temperar, mas, principalmente, conservar os alimentos.

Convém mencionar a ode “*Aquele único exemplo*”, em homenagem ao Conde de Redondo, como incentivo à publicação da obra do botânico Garcia da Orta, intitulada *Colóquios dos simples e drogas he cousas medicinais da India*, impressa em Goa, em 1563, sobre as ervas alimentícias e medicinais originárias dos trópicos:

Favorecei a antiga
Ciência que já Aquiles estimou;
Olhai que vos obriga onde florescem
Verdes que, em vosso tempo, rebentou
O fruto daquela Orta onde florescem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.
[...]

E vede carregado
De anos, e trás a vária experiência,
Um velho [...]

O qual está pedindo
Vosso favor e ajuda ao grão volume
Que impresso à luz saindo,
Dará da Medicina u vivo lume,
E descobrir-nos-á segredos certos,
A todos os Antigos encobertos (op. cit., 1963, p. 332).

Além das ervas, tecidos, sedas, madeiras, pedras preciosas, ouro, prata, enriqueceram por séculos os colonizadores europeus. Sem falar na importação da mão de obra a escravizar.

6 OS LUSÍADAS, O RELATO

A gênese de Portugal se deveu à presença dos mouros, pois veio Henrique de Borgonha a fundar um reino, mais tarde, através do filho, que “contra os descendentes de Agar / vitórias grandes teve” (III, 26). O texto cumpre a missão épica de retratar os feitos bélicos portugueses nas suas conquistas. Na batalha de Ourique, com realismo, dinamismo, cor, movimento: “o de Luso arnês, couraça e malha, / Rompe, corta, desfaz, abola e talha” (III, 51), e hipérbole, “Correm rios de sangue desparzido, / Com que também do campo a cor se perde / Tornado carmesim de branco e verde” (III, 52).

Depois das passagens clássicas, a proposição ou abertura do texto, em que o poeta enuncia a missão do canto, a invocação, em que suplica inspiração às musas, e da dedicatória a D. Sebastião, intercedem vários planos no relato, rigorosamente, classicamente, simétricos: o plano do presente da narração da viagem, para o qual concorrem os navegadores e os deuses pagãos. Vênus, como aliada dos portugueses, argumenta ao pai, Júpiter, que os nautas não só descendem dos romanos, como falam o português, uma língua latina, além das vitórias no Norte africano:

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina. (I, 33)

Enquanto Baco, como oponente, veicula a resistência oriental à incursão lusa, entre outras divindades, com suas ciladas (Cantos, I e II e VI a VIII). Embora o maravilhoso cristão conviva aí com o pagão, não incorrem em contradição e inverossimilhança. Se Vênus ou as Nereidas no fundo do mar protegem os navegadores, Vasco da Gama, aqui nas naus, agradece ou ora a Deus pela sua providência, ao se salvar, sem o saber, das ciladas e disfarces de Baco.

O plano do passado da história dos fundadores de Portugal e dos defensores e “dilatadores” do Império se dá nos Cantos III e IV, e será retomado por Paulo da Gama, um dos capitães, no Canto VIII, ao se reportar a líderes antepassados, os navegadores, já na Índia.

O passado se encontra com o presente da viagem, pela costa oeste africana, que, desta feita, no Canto V, se torna História, vencidos que estão os perigos marinhos – o Fogo de Santelmo, a Tromba Marinha, o gigante Adamastor, que se avulta do Cabo das Tormentas, e o escorbuto.

Vitoriosos, os navegadores, na Ilha dos Amores, se refestelam num banquete, depois do descanso do corpo entre as ninfas no Canto IX.

Inspirado nas **Metamorfoses** de Ovídio, o narrador dos grandes feitos solicita à musa inspiradora mais um sopro de força criativa, no Canto X, para voltar ao plano da história e da glorificação dos grandes vultos, “matéria de coturno e não de soco”. O soco ou tamanco usado pelos

atores da comédia antiga representa o homem comum e transmite a descontração do gênero; enquanto o coturno, o calçado militar usado pelos atores da tragédia, representa o herói, a gravidade desta e a imponência que o assunto agora requer: o de relatar os grandes feitos dos governadores na Índia, previstos pela ninfa em voz indireta.

7 O GOVERNADOR DA ÍNDIA AFONSO DE ALBUQUERQUE

Afonso de Albuquerque é “por justiça, o mais importante vulto da história de Portugal no Oriente” (Berardinelli, 2008, p. 164), e merece o terceiro poema do tríptico “V. O TIMBRE”, da primeira parte da **Mensagem**, único livro de Fernando Pessoa publicado em vida, em 1934.

O título do poema “A OUTRA ASA DO GRYPHO”, dedicado a Afonso de Albuquerque, representa a ave mitológica do grifo que encima o brasão português e, com cabeça de águia e corpo de leão, simboliza energia, poder, também presente nos dois poemas anteriores do tríptico, “A CABEÇA DO GRYPHO O Infante D. Henrique” e “UMA ASA DO GRYPHO D. João o Segundo”. D. Henrique, o Navegador, impulsionou as navegações com ciência, técnica e equipamentos de precisão, ao criar a Escola de Sagres de ciência náutica. D. João II patrocinou os navegantes Diogo Cão e Bartolomeu Dias e assinou o Tratado de Tordesilhas.

Afonso de Albuquerque foi um dos mais firmes governadores da Índia. Por isso, terá sido muito respeitado pelos indianos. Soube impor autoridade férrea, não se furtando nem de sacrificar os seus, como Rui Dias, que mandou enforcar por visitar jovens muçulmanas. A voz poética lusíada, entretanto, perdoa o soldado e diz que não o puniria, porque, se cometeu um delito, foi por amor (X, 46-48).

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sação e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa. (X, 46)

Eis aí um exemplo de como eu poético, em **Os Lusíadas**, não deixa de se envolver subjetivamente com o relato, mesmo que se trate de uma epopeia. Manifestando suas queixas, inquietações, reflexões e visão de mundo. Essas passagens, conhecidas como excursos (Berardinelli, 2000), correspondem a uma inovação camonianiana em relação ao modelo greco-latino, porque carregadas de emotividade.

No texto pessoano, o narrador, em terceira pessoa e no presente do indicativo, põe a imagem do herói de pé sobre o globo terrestre, denotando superioridade tal que parece ter sido fácil dominar, “como quem desdenha”, três impérios, dos quais D. Manuel o destituirá – “lhe a Sorte apanha” –, mas o orgulho pelas conquistas permanece.

A OUTRA ASA DO GRYPHO
AFFONSO DE ALBUQUERQUE
De pé, sobre os paizes conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte,
Tam poderoso que não quer o quanto
Pôde, que o querer tanto
Calcára mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha. (Pessoa, 2000, p. 83).

Há quatro períodos no texto, finalizados obviamente por ponto, englobando cada qual as ações desempenhadas pelo herói, exceto no nono verso, em que a personagem deixa de ser sujeito da ação expressa pelo verbo para ser objeto: “Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha”.

O campo semântico do vocabulário converge para a oposição alto e baixo, sinalizando o domínio do herói sobre os demais. Ele está “De pé, sobre os paizes conquistados”.

Depois de cumprida a missão de inscrever seu nome na História, “Desce os olhos cansados / De ver o mundo e a injustiça e a sorte”. Não pôde, entretanto, resolver a injustiça e controlar o futuro, “a sorte” (vv. 1 a 3).

“Não pensa em vida ou morte”, porque seu nome permanece “Tam poderoso” que só não fez mais porque não quis. Por sua vontade, o “submisso mundo” não sucumbiu mais ainda ao seu “passo fundo”, devido a sua voluntariedade, expressa no emprego do mais-que-perfeito do indicativo, “Calcára”, equivalente a calcaria, no futuro do presente, acentuando o seu despeito, disfarçado de desprezo (vv. 4 a 8).

O penúltimo período, “Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha”, traduz a sua demissão do cargo de Vice-Rei na Índia pela “Sorte”, o acaso, o imprevisto, o único elemento que Afonso de Albuquerque não pôde domar (v. 9), e não por Dom Manuel, conforme o registro histórico. Tão arrogante que menospreza as próprias conquistas: “Creou-os como quem desdenha.”

8 CONSIDERAÇÕES

A monumental obra camoniana transita das formas e temas medievais nas graciosas redondilhas, tanto líricas como satíricas, e nos autos, à gravidade da epopeia e dos demais gêneros clássicos, que não couberam no escopo da abordagem.

Manter a chama acesa do incentivo à sua leitura é imperioso. O emprego exemplar da linguagem e do manejo sintático, que o estudante contemporâneo pode enfrentar, devido à inversão sintática dos termos da oração, denominada hipérbato, desenvolve a compreensão leitora do falante de língua portuguesa, o interesse histórico pelo homem e pela obra ampliam o horizonte cultural do leitor e o convívio com o texto desperta nele o envolvimento estético.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Leodegário Amarante de. Introdução à lírica de Camões. Lisboa: ICALP - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1990. pdf

BERARDINELLI, Cleonice. Estudos camonianos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Cátedra Padre Antônio Vieira, Instituto de Camões, 2000.

CAMÕES, Luís de. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

MENEGAZ, Ronaldo. O teatro de Camões: uma convergência. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1998. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa.

PESSOA, Fernando. Mensagem. BERARDINELLI, C., MATOS, M (orgs.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

SARAMAGO, José. Que farei com este livro? São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TORRES, Bolívar. 'Perdemos de vista o homem de carne e osso'. O Globo, Segundo Caderno. Rio de Janeiro, 15 dez. 2024. p. 5